

MUITO PRAZER, SENHOR CORUJA

Afrânio da Silva Garcia (UERJ)

1 – INTRODUÇÃO

No ano de 1996, encontrei em um sebo no centro da cidade um exemplar da segunda edição de “O Coruja” de Aluísio Azevedo, datado de 1921. Grande admirador e estudioso da obra de Aluísio Azevedo, há muito já que eu desejava ler este romance, por achar a temática dele por demais atraente: a vida e as dificuldades de uma pessoa extremamente feia, daí a alcunha de Coruja (algo assim com a fábula do Patinho Feio sob a ótica de um romance realista-naturalista).

Em 1999, já tendo lido o romance, achei seu conteúdo tão singular e fascinante que propus ao meu ilustre colega e amigo, Professor José Pereira da Silva, um dos luminares da edição crítica e da ecdótica, que me ajudasse a fazer uma edição crítica de “O Coruja”, uma vez que sua última edição datava de 1951 e um romance tão importante quanto este não poderia ficar mais tempo ainda sem uma nova edição, que resgatasse seu texto excepcional. O Professor José Pereira da Silva concordou de imediato em me ajudar nessa empreitada e tomou-se de tal entusiasmo pela obra que, em menos de uma semana, já havia me entregado o copião da primeira parte do livro, devidamente digitado e arquivado em disquete, para que nós pudéssemos trabalhar em conjunto sobre ele. Vi que tinha escolhido exatamente a pessoa certa para o importante trabalho a que me propusera.

“O Coruja” é uma obra singular na literatura de Aluísio Azevedo não só por sua temática como por sua forma. Ele mantém a estrutura folhetinesca de alguns romances de Aluísio Azevedo (como “A Condesa Vésper” e “Uma lágrima de mulher”), ao mesmo tempo em que apresenta um discurso altamente reflexivo (à maneira do romance-ensaio “Livro de Uma Sogra”). Pontos há em que o Autor se perde, a narrativa fica por vezes arrastada e repetitiva, outras vezes fica excessivamente melodramática e simplória, mas quando o Autor acerta na medida, ele produz passagens de grande profundidade e beleza.

Minha comunicação pretende, mui modestamente, fazer uma apresentação deste grande romance à platéia que, como é natural, visto o livro não ser publicado há quarenta e oito anos, provavelmente nem sabia da sua existência, através de algumas passagens escolhidas. Esperamos muito em breve, eu e o professor José Pereira, lançar nossa edição crítica da obra, para que vocês possam fruí-la em toda sua magnitude. Por enquanto, permitam-nos fazer as apresentações devidas, para que vocês possam dizer junto co-

nosco: — *Muito prazer, senhor Coruja!*

2 – FALANDO POR DEMAIS A VERDADE

Uma das características mais fascinantes do Teobaldo, o amigo rico, bonito, bem-sucedido, irresponsável e indolente do Coruja, que é pobre, feio, fracassado, porém trabalhador e sério ao extremo, é seu hábito de falar sem o menor pudor as verdades que lhe passam pela cabeça, verdades essas que a maioria das pessoas pensa, mas não se atreve a externar. São passagens ao mesmo tempo cruéis e cômicas, com um charme equivalente ao do Teobaldo: irresistíveis, como podemos constatar pelo trecho abaixo.

Será isto o *verdadeiro amor*? ... Talvez, mas se assim é, *arrenego dele*, porque não conheço coisa mais insuportável! ... Ainda se ele não fosse tão *desengaçada*! ... tão *tola*! ... Mas, valha-me Deus, nunca vi mulher mais *ridícula* quando tem ciúme, ainda não vi ninguém *fazer cara tão feia para chorar*! .. Se ela fosse *jeitosa* ao menos; mas não tem gosto para nada, não sabe pôr um vestido, não sabe pôr um chapéu; e, em vez de endireitar com o tempo, parece que vai ficando cada vez mais *estúpida*! não! definitivamente é uma mulher impossível apesar de toda a sua dedicação!

E, para se divertir, pôs-se a lembrar as asneiras dela. Ernestina não dizia nunca “*eu fui*”, era “*eu foi*”; pronunciava *pãos*, *razãos*, *tostãos* e gostava muito de preceder com um *a* certos verbos, como divertir, divulgar, reunir e outros; como também não pronunciava as letras soltas no meio das palavras. “Obstáculo” em sua boca era “*ostáculo*”, “obsta” era “*osta*” e assim por diante. E a respeito dos tempos do verbo? Se ela queria dizer “*entremos*”, dizia “*entramos*” e vice-versa; perguntava — “*tu fostes?* — *tu fizestes?*” Uma calamidade!

Além disso, ultimamente dera para *engordar*, por tal forma que parecia ainda mais *baixa* e mais *desairosa*.

Não era *feiazinha* de rosto, isso não; mas em toda a sua fisionomia, como no rosto, *não se encontrava um só traço original, distinto, impressionável*. Vestia-se, calçava-se e penteava-se como toda a gente, e *só conversava a respeito de vulgaridades*, sem nunca ter uma frase própria; rindo quando repetia uma pilhéria já muito estafada, e desconfiando sempre que lhe diziam qualquer coisa que ela não enten-desse. Uma *lesma!*” (Parte II; capítulo XVIII)

3 – ALGUNS GOSTAM DE USAR, OUTROS DE SER USADOS

A natureza complementar de dominação e sujeição, inclusive no nível intelectual, tão bem expressa pela cantora Annie Lennox no verso “Some of them want to use you, some of them want to be used by you”, traduzindo: *Alguns deles querem usá-lo, alguns deles querem ser usados por você*, parece se encaixar perfeitamente na relação existente entre Teobaldo e o Coruja, em que o primeiro recorre constantemente ao segundo, valendo-se

não só do dinheiro deste para sustentá-lo (com largueza, diga-se de passagem) e livrá-lo de dificuldades, como até mesmo do seu trabalho intelectual, como podemos ver abaixo, sem nunca retribuir financeiramente estes favores. Aluísio Azevedo não explica de forma mais aprofundada a razão deste comportamento, apontando como causa apenas a formação de cada um, um sempre mal tratado, outro sempre adulado. Apesar disso, a insistência do Autor no assunto e sua pintura vívida da injustiça que tal situação comporta causam-nos profundas reflexões, mexem fundo com nosso âmago, o que talvez fosse o que o Autor pretendia.

Teobaldo começou a manusear os maços. (...)

— Mas é um tesouro isto que aqui tens!... Deves fazer publicar estas notas!

— Qual! Não despertariam interesse em ninguém; falta-lhes forma literária, não passam de apontamentos; datas, nomes, citações, discursos políticos e nada mais.

— Ora! A forma literária é o de menos. Isso arranja-se brincando. Pois se quiseres arranjar-lá.

— Homem! Está dito. Publicam-se com um pseudônimo. Vais ver o barulhão que isto faz aí!

— Não creio.

— E eu tenho certeza; só com uma vista d'olhos já percebi que tomaste nota de todos os fatos mais curiosos de nossa administração pública nestes últimos tempos.

— Ah! Isso é exato; estas notas foram escritas à proporção que se sucediam os fatos, e cada uma tem ao lado as considerações que a respeito dela fez a imprensa.

— São minhas! Resumi Teobaldo, guardando na algibeira as notas do Coruja.

Daí a dias surgia em público o primeiro artigo de uma longa série que então se publicaram e que estavam destinados a dar ao marido de Branca uma nova reputação, uma reputação que ele ainda não tinha: — a de homem de bom senso prático e econômico.

As conscienciosas notas de André (o Coruja), floreadas pelas lante-joulas da retórica do outro, converteram-se no objeto de curiosidade pública.

Foi um verdadeiro sucesso; o jornal que as publicou viu sua tiragem aumentada e os artigos, uma vez colecionados em volume, deram várias edições.

Daí nasceu *o prestígio de Teobaldo* entre os homens públicos do seu tempo, que desde então começaram a respeitá-lo, se bem que o habilidoso jamais se declarasse positivamente ser o autor dos célebres artigos. (Parte III; capítulo XII)

4- A IRRACIONALIDADE DAS CONVENÇÕES SOCIAIS

Várias vezes, Aluísio Azevedo se vale da fala dos personagens de “O Coruja” para questionar as convenções sociais da época, enfatizando sua irracionalidade, geralmente de maneira jocosa e irônica, consoante a máxima latina “*Ridendo castigat mores*” (Através do riso, castiga-se os costumes). Dentre as convenções sociais que ele mais ataca estão aquelas que envol-

vem os valores da vida em sociedade, o comércio, a política e as relações amorosas, principalmente no que diz respeito à vida conjugal e à valorização da virgindade. A passagem a seguir exemplifica à perfeição o humor cáustico, a fina ironia com que ele tratava o assunto.

— Ora, diga-me uma coisa, Teobaldo; quantas espécies de mulheres conheces tu?

— Eu? Duas.

— Quais são elas?

— A mulher virtuosa e a mulher que não é virtuosa.

— Só?

— Só.

— Ora bem, diga-me ainda: que diabos entendes tu pela tal mulher virtuosa?

— A mulher casta.

— E pela outra entendes naturalmente a que não é casta. Para aquela tens tudo que há de bom em ti — o respeito, o amor, a confiança; e para esta, guardas o contrário de tudo isso: — desconfias dela, não a estimas sinceramente, e não lhe dedicas a menor consideração, porque a infeliz nada te merece!

— Não é uma lei criada por mim...

— Bem sei, e nem tenho a pretensão de destruí-la com minhas palavras; apenas quero provar-te que vocês, homens, no juízo que formam das mulheres, são os entes mais injustos e mais tolos que se podem imaginar!

— Vamos ver isso.

— Quero provar-te que esse desprezo a que condenam a mulher perdida é nada menos do que a condenação de todas as mulheres em geral.

— Como assim?

— Vou ver se me explico. Toda mulher é capaz de ser honesta ou deixar de ser, conforme as circunstâncias que determinam a sua vida, não é exato? Todas elas estão sujeitas às mesmas leis fisiológicas e aos mesmos irreparáveis descuidos, pelos quais, confessemos, são sempre as responsáveis e dos quais raras vezes têm a culpa.

Apenas acontece que umas são espertas e outras são eternamente ingênuas. Daí a divisão da mulher em duas ordens — a mulher maliciosa e a mulher simples; pois bem, em casos de sedução — a maliciosa resiste, a inocente sucumbe. Não achas que é muito mais fácil perder uma menina verdadeiramente ingênuo do que uma outra que não o seja?

— Sim, mas isso nada prova.

— Bem. Admitindo que é mais difícil seduzir a mulher velhaca do que a mulher inocente, e visto que a classe das perdidas compõe-se em geral destas últimas, segue-se que toda mulher é má, umas por natureza e outras à força de circunstâncias; daí a condenação de todas elas.

— Isso é filosofia muito apaixonada! ...

— Não, é simplesmente verdadeira. Ora, diga-me se, em vez de me teres agora ao teu lado, tivesses uma rapariga de minha idade, casada aí com qualquer sujeito e mãe de um pequeno que ela tivesse ao colo e de mais três que lhe subissem pelas pernas; diga-me, que impressão te produziria no espírito essa mulher?

— Uma impressão toda de respeito e acatamento.

— Pois bem, imagina tu por outro lado que essa mesma rapariga, antes de conhecer o homem que havia de casar com ela, era uma criatura inocente ao ponto de ignorar a valia da própria virgindade, e crédula ao ponto de não supor o seu noivo capaz de a enganar; imagina ainda que esse noivo é nada menos do que um

sedutor; imagina que ele a abandona depois de desvirtuá-la e que à infeliz se fecham, como é costume, todas as portas, menos, está claro, a de um sujeito que se propõe substituir o primeiro, não com o casamento, que vocês são incapazes disso, mas substituí-lo amancebando-se com ela.

— Bem.

— Pois, feito isto, meu amigo, está feita a grande viagem da perdição, porque depois desses dois degraus é só escorregar, e escorregar fatalmente, sem esperança de apoio. Se do primeiro ao segundo amante mediou um ano, do segundo ao terceiro vai só um mês, do terceiro ao quarto uma semana, e os outros contam-se pelos dias e afinal pelas horas. E agora, imagina tu, meu orgulhoso, que, em vez de mim, tivesses a teu lado uma dessas desgraçadas que têm amantes por hora, uma dessas mártires que, por inocência e por credulidade, se deixaram arrastar à última degradação, imagina essa mulher ao teu lado e dize-me depois que sentimentos ela te inspiraria.

— O da compaixão, está claro.

— O da compaixão! Mas que espécie de compaixão é essa, que só se veste de desprezo e desdém? ... Para os entes que nos inspiram compaixão, entendo que deve haver palavras consoladoras e cheias de caridade, deve haver ternura e carinho e não o abandono e a maldição!"

(Parte II; capítulo IX)

Repare-se na brilhante argumentação que desvela a irracionalidade das convenções sociais de então, que condenam toda e qualquer mulher que se torna *vítima de um sedutor*, sem levar em consideração que, muitas vezes, ela só se tornou vítima por ser *bondosa, inocente e confiar no homem que dizia amá-la*. Também é digna de nota a forma com que ela denuncia a hipocrisia das posturas falsamente piedosas de Teobaldo, pois o homem que afirma ter *compaixão* pelas mulheres "*decaídas*", só tem por elas *desprezo e desdém*, condenando-as ao *abandono* e à *maldição*.

5- UM BREVE MOMENTO DE ALÍVIO

Por se tratar "O Coruja" de um livro mais reflexivo, Aluísio Azevedo abandona quase totalmente o uso das *descrições magníficas*, sua marca estilística mais impressionante (cf. a seqüência de abertura de "O Mulato" e o trecho que descreve o despertar do cortiço em "O Cortiço"). Mesmo assim, ele as apresenta esporadicamente, como na passagem em que Teobaldo revê Leonília, sua amante linda e rica da juventude, agora decaída e pobre, ou na aclamação de Teobaldo como ministro. A descrição mais empolgante, todavia, é a da visita de Teobaldo, já ministro, ao Coruja, num momento em que este passava por grandes dificuldades e dissabores. A descrição da alegria luminosa que se instala naquela casa miserável com tão importante visita é uma das passagens mais emocionantes da nossa literatura, na qual Aluísio Azevedo usa soberbamente o recurso narrativo conhecido em inglês pelo nome de "*comic relief*" ou "*brief moment of joy*", em que uma sucessão de

acontecimento dramáticos é suspenso, momentaneamente, por um acontecimento feliz ou por uma passagem cômica, prolongando e intensificando a emoção trágica que se segue, como podemos verificar pela passagem abaixo.

Dous meses depois, em um Domingo, Teobaldo fora surpreendê-lo em casa às nove horas da manhã.

Ia de chapéu baixo, fato leve e bengalhinha de junco. Em vez de *coupé*, que costumava usar com duas ordenanças, vinha de tífuri.

Entrou gritando desde a porta da rua pelo Coruja:

— Onde estava aquele malandro! Talvez ainda metido na cama!? Pois que não fosse tão epicurista e viesse cá para fora receber os amigos!

André, que trabalhava fechado no quarto, largou mão do serviço e correu ao encontro dele; ao passo que Inês fugia para junto da mãe, muito sobressaltada por aquela voz argentina e cheia de vida, que espantava a miserável tristeza da casa com sua risonha expressão de estroinice fidalga.

— Ora venha de lá esse abraço, mestre Coruja!

E assentando-se com desembaraço em uma cadeira da sala de jantar:

— Sabes! Vim disposto a almoçar contigo. Hoje estou perfeitamente livre; minha própria mulher supõe-me fora da cidade.

Ninguém desconfia de que estou aqui.

Ah! Eu precisava passar algumas horas completamente despreocupado, precisava descansar e então lembrei-me de fazer-te esta surpresa; cá estou!

Ergueu-se, foi até o parapeito do quintal; esteve a olhar por algum tempo para um tanque cheio de roupa que lhe ficava defronte dos olhos, e disse depois suspirando:

— Como tudo isso é bom e consolador! É como se eu voltasse ao meu passado; estou vendo o momento em que entra por aquela porta, com a sua lata na cabeça, aquele velho que nos levava todo dia o almoço e o jantar. Como se chamava, lembras-te?

— Sebastião.

— Era isso mesmo. Sebastião. Muito fiz eu sofrer ao pobre diabo! Recordas-te de uma vez em que o obriguei a improvisar um bestialógico encarapitado sobre a mesa e com uma garrafa equilibrada na cabeça? Bom tempo!

Coruja erguera-se para ir à cozinha ver o que havia para almoçar, mas o outro, percebendo-lhe a intenção gritara:

— Olha! Vão chegar aí umas cousas que mandei vir do hotel.

— Bom, disse André, risonho como havia muito tempo não o viam, porque o nosso almoço, força é confessar, não vale dous caracóis!

— Com certeza já tivemos outros peiores! Replicou Teobaldo, encaminhando-se também para a cozinha. Deixa estar que ainda havemos de fazer aqui um jantar. Nós dous!

— Quando quiseres!

— Nós dous é um modo de dizer! Tu não entendes patavina a respeito de cozinha!

— Mas posso servir de teu ajudante!

Pouco depois chegou a encomenda do hotel. Teobaldo foi por suas próprias mãos abrir a caixa da comida e, para cada prato que tirava de dentro dela, tinha uma exclamação de afetado entusiasmo:

— Bravo! bravo! Bolinhos de bacalhau! Costeletas de porco! Maionese de camarões! Peixe recheado! Pato assado!

E, tão à vontade se mostrava na pobre casa de D. Margarida, que ninguém diria estar ali o ministro mais amigo da etiqueta, mais apaixonado pela sua farda e pelas suas bordaduras de ouro, como por tudo aquilo que fosse brilhante, luxuoso e ofuscador. (...)

O almoço foi alegre e comido com bastante apetite. Inesinha preparou-se antes de aparecer ao senhor ministro, mas, apesar das insistências deste, não tomou lugar à mesa, para ficar servindo.

Dona Margarida, lá mesmo na cama onde continuava amarrada pelo reumatismo, dirigia o serviço, lembrando de quando em quando à filha tudo aquilo que podia ser esquecido.

— Areaste o paliteiro? Perguntava ele do quarto. Se não areaste é melhor pôr o outro de louça, que está na gaveta do armário.

— Já pus, sim senhora.

— Não te esqueças dos guardanapos. Os melhores são os de debrum encarnado.

— Eu sei, mamãe!

— Olha que o café esteja pronto quando eles acabarem! Mas o Sr. Teobaldo talvez prefira o chá. Pergunta-lhe.

— Café! café! respondeu o próprio Teobaldo, de modo a ser ouvido pela velha. (...)

Depois do café, Teobaldo esteve alguns instantes no quarto da velha, pediu-lhe licença para lhe deixar sobre a cômoda uma nota de cinquenta mil réis, dinheiro que ele depositou ao pé de um velho oratório, dizendo:

— É para a cera dos seus santos.

A velha agradeceu muito comovida e teria contado pelo miúdo a sua história, se a visita não arranjasse meios de afastar-se, declarando que ia para o quarto do Coruja encostar um pouco a cabeça.

E Teobaldo, tendo ainda conversado com o amigo enquanto dava cabo de um charuto, estirou-se melhor no trôpego canapé em que estava e adormeceu profundamente.

Coruja veio na ponta dos pés até à sala de jantar e, concheando a mão contra a boca, disse em voz baixa:

— Agora, nada de barulho, que Teobaldo está dormindo!

(parte III; capítulo XXIII)

Note-se como é bem elaborada essa descrição: os xingamentos carinhosos de Teobaldo para o Coruja, enfatizando o grande grau de intimidade e amizade que os une; a alegria que Teobaldo expressa diante das iguarias, dando voz à alegria que ela provocavam na família pobre, que não ousava manifestá-la; as lembranças do passado comum e das travessuras, bem como o fato de dormir na casa do amigo, reforçando a profunda comunhão existente entre eles; a família pobre envergonhada de sentar-se à mesa do visitante rico, mas ansiosa para agradá-lo; a velha a torturar a filha com suas recomendações, etc.

6- A INGRATIDÃO, ESTA PANTERA

No final do romance, o Coruja percebe a ingratidão de que sempre foi vítima, bem como a enorme injustiça das relações sociais, numa das passagens mais pungentes e sofridas da literatura brasileira, como se sua vida fosse uma confirmação eterna dos versos de Augusto dos Anjos: “*Somente a Ingratidão, esta pantera, foi tua companheira inseparável*”, como podemos constatar a seguir.

Saiu triste, profundamente triste, sem contudo saber a razão dessa tristeza. Um vago desgosto pela vida o acabrunhava e consumia; um tédio enorme, uma espécie de cansaço de ser bom, levava-o sombriamente a pensar na morte.

É que em torno de seus passos havia encontrado sempre e sempre a mesma ingratidão ou a mesma antipatia por parte de todos, ou a mesma maldade por parte de cada um.

Agora daria tudo para cometer uma ação má, como se por essa forma o seu coração pretendesse repousar um instante.

E, por todo o caminho, notou pela primeira vez os encontrões que lhe davam, as caras más que lhe faziam os transeuntes, a total falta de comiserção que todos lhe patenteavam.

Observou que ninguém lhe cedia a passagem na calçada. Um homem em mangas de camisa dera-lhe um empurrão e, ainda por cima, lhe gritara: — “Que diabo! Está bêbado?!” Um padre, querendo passar ao mesmo tempo que ele, dissera-lhe: — “Arrede-se!” E um menino de jaquetinha e calça curta chegara a obrigá-lo a ceder-lhe o passo. Ao atravessar a rua, quando ia a chegar à casa, uma carruagem que passava a todo trote, levantou com as rodas um jato de lama, que se foi estampar na cara dele.

Era o Afonso de Aguiar quem ia dentro desse carro. Voltara, afinal ao Brasil.

E, só aquele fato de ver o Aguiar, sempre feliz, rico, rejuvenescido com o passeio à Europa, ainda mais o fez entristecer.

Coruja recolheu-se, finalmente; foi para o seu quarto e deixou-se cair em uma cadeira, a soluçar como uma criança que não tem pai nem mãe.

E de então em diante ia ficando cada vez mais triste, mais concentrado e mais esquivo de tudo e de todos.

Não tinha afinal um canto seguro, no qual, fugindo aos desgostos da rua, pudesse refugiar-se com o seu tédio, porque na própria casa onde morava é que a má vontade mais se assanhava contra ele, o infeliz em troca de toda a sua dedicação pelas duas desgraçadas senhoras que tomara à sua conta, só recebia constantes e inequívocas provas de ressentimento e até de ódio.

Ah! o Coruja estava bem convencido de que aquela gente, se não precisasse dele para não morrer de fome, também o enxotaria de junto de si, como se enxota um cão impertinente.

E, pois, sem carinhos de espécie alguma, sem o menor consolo, lá ia vegetando entre aquela família, que não era sua senão no peso, e entre aquela mesquinha e perversa humanidade, que o apupava, que o insultava e que nunca lhe estendera a mão com um outro fim que não fora pedir uma esmola ou dar uma bofetada.

(parte III; capítulos XXII-XXIII)

7- O PATINHO FEIO NÃO SE TORNOU UM LINDO CISNE

Na passagem final do livro, onde seria de se esperar que os sofrimentos do Coruja chegassem ao fim ou levassem à morte do protagonista, Aluísio Azevedo não faz concessões a essas fórmulas do folhetim e mantém o personagem tal como está, com a consciência do seu estado e da injustiça de que é vítima levadas ao ponto do desespero, mas sem nenhuma solução possível. Se considerarmos “O Coruja” como uma versão em forma de romance da fábula do Patinho Feio, notamos que Aluísio Azevedo descarta a solução confortadora, o “happy end”, em que o *patinho feio* torna-se um *lindo cisne* e *vive feliz para sempre*, e mantém a solução realista, em que o Coruja constitui um tipo literário a retratar todos aqueles que, por terem nascido na família errada ou por terem perdido sua família, são condenados ao abandono e ao desamparo, passando, sucessivamente, de um estado de miséria (física ou existencial) a outro, sem nenhuma perspectiva de solução, enquanto outros riem-se do fato de viverem na pândega, de gastarem a mais não poder sem jamais terem de trabalhar, de despender qualquer esforço. O romance termina, na verdade, com um *começo*, com o Coruja saindo para arrumar dinheiro para alimentar “*seu povo*”, ou seja, outras pessoas mais abandonadas e desamparadas ainda do que ele, num clima de tristeza e desesperança insuportáveis, como podemos conferir abaixo.

Coruja, logo que se viu só, encostou-se ao muro do cemitério e começou a soluçar.

Chorou muito, até que um fundo cansaço se apoderou dele voluptuosamente. Sentia-se como que arrebatado por um sono delicioso; mas caiu logo em si, lembrando-se de que já se fazia tarde e naquele dia, distraído com a morte do amigo, descuidara-se da gente que tinha à sua conta.

E manquejando, a limpar os olhos com a manga do casaco, lá se foi, rua abaixo, perguntando a si mesmo “Onde diabo iria, aquela hora, arranjar dinheiro para dar de comer ao seu povo?...”